

Triquel em entrevista ao Notícias do Nordeste: "cantamos a fugacidade do tempo"



Actuação dos Triquel no anfiteatro ao ar livre da Praça das Eiras em Macedo de Cavaleiros

São de uma sonoridade rock marcada pela tradição.

O Grupo Triquel enlaça-se nos caminhos daquilo que eles próprios designam por "Rock Celta" e o resultado é de uma frescura rítmica bastante original, moderna e inovadora

Oriundos de Valladolid, poder-se-ão definir como alegres, folgazões, criativos e intervencionistas de uma lógica ambientalista e social. A banda compõe-se por seis elementos e por um variado número de instrumentos que emprestam à sua música um cunho muito particular. O seu estilo não tem repetições e o grupo, ao longo dos últimos anos, foi-se construindo com uma estética muito própria que os coloca entre as bandas de maior prestígio da meseta espanhola.

Os Triquel vivem principalmente de concertos ao vivo, tendo já partilhado os palcos ibéricos e europeus com grupos como Carlos Núñez, The Chieftains e Gwendal.

Adeptos incondicionais do lema "cada concerto é uma festa", a banda de Castela e Leão chega a Macedo de Cavaleiros no próximo dia 1 de Setembro, onde actuará no VII Festival de Música Tradicional desta cidade nordestina.

A menos de 48 horas de pisarem o palco do anfiteatro ao ar livre da Praça das Eiras, o Notícias do Nordeste esteve à conversa com Juan José Cartón (JJC), a voz, guitarra eléctrica, guitarra acústica e whistle dos Triquel.

NN - Onde, quando e como nasceram os Triquel?

TRIQUEL (JUAN JOSÉ CARTÓN) - Os Triquel nascem em Valladolid no ano 1991, quando o nosso violinista e eu (cantor e guitarrista do grupo) decidimos misturar canções tradicionais, sobretudo composições irlandesas (jigas, reels) com arranjos musicais mais próximos ao rock. O resto do grupo são amigos músicos de outros grupos que se foram juntando à ideia desde quase o princípio. Nesse tempo só fazíamos canções instrumentais. Somos um grupo tão estável que o músico que há menos tempo trabalha connosco, aguenta-se já há 8 anos!

NN - O grupo define-se como de "Rock Celta", queres caracterizar, a nível estético, essa definição?

TRIQUEL (JJC) - Para nós, o rock celta é uma gaveta onde arrumamos o nosso estilo, aquilo que somos musicalmente. A gente precisa de ser definida, o público precisa de uma etiqueta para o produto que compra ou escuta e cremos que "Rock Celta" é a etiqueta mais adequada para nós. No nosso estúdio, misturamos canções com letras próprias com melodias tradicionais, na sua maioria. É uma maneira pessoal e particular de misturar canções de pop-rock com reels, jigas, etc. São temas directos e ritmados que chegam rápido ao público, ainda que não os tenha escutado antes.

NN - Pelo que se percebe da audição de alguns dos temas dos Triquel, a sua sonoridade encerra influências da música "étnica", mas está fortemente marcada por um ritmo e por uma performance urbana do Rock clássico. São um grupo "urbano" com influências culturais do "mundo rural", ou são um grupo de forte raiz tradicional com grandes influências do mundo urbano?

TRIQUEL (JJC) - Penso que somos um grupo urbano que usa ferramentas tradicionais para expressar-se musicalmente. A temática e a melodia de voz das canções não têm nada a ver com os temas e as melodias de voz tradicionais irlandeses. Não somos um grupo de folk, entendido como grupo que vai pela província munido de equipamento de gravação para resgatar as canções populares que caíram no esquecimento (os grupo que fazem isto, são também muito respeitáveis e admiráveis).

NN- Quais os temas, os assuntos, mais frequentemente abordados nas letras dos Triquel?

TRIQUEL (JJC) - Tentamos que os temas das canções sejam universais: cantamos a guerra, os malefícios da guerra, que faz do homem a pior das bestas; temos uma canção ecológica onde os animais se revoltam contra o homem (nós durante os concertos colocamos máscaras de animais); cantamos temas que invocam a ausência da pessoa querida (a saudade); damos voz ao noivo que se levanta com uma ereção e pede o sexo à noiva (espero não ferir a sensibilidade de ninguém);

cantamos a fugacidade do tempo (tempus fugit); os terríveis efeitos da economia de livre mercado e da vertigem do lucro sem controle....etc.

NN - Pedimos que os Triquel se apresentem aos Nordestinos. Quem é cada um dos seus seis elementos?

TRIQUET (JJC) - O grupo é composto por Florentino Cañibano (baixo, harmónica e coros), que é simpático; por José Alfonso Garrido (violino e bandolim), que tem mau génio; por Luis Alberto Pelaz (bateria), que tem pior génio do que o anterior se por acaso for acordado da sesta; por Iván San José (sintetizador e coros), que é simpático, isso sim, mas é mau; por Sonia del Val (flauta transversal e coros), esta sim é boa pessoa, e por Juan José Cartón (guitarra eléctrica, acústica, whistle e voz), que acho que não é importante dizer nada sobre ele.

NN- Os Triquel têm três álbuns (CDs) lançados no mercado. O primeiro data de 1994, o segundo de 1996, o terceiro de 2002. Para quando o lançamento do quarto disco de originais?

TRIQUET (JJC) - Temos a intenção de lançar um novo trabalho discográfico para o ano 2007. Todos os ingredientes estão já preparados em estúdio. Temos muitas canções no repertório das actuações ao vivo que não estão incluídas nos discos editados e há muita vontade e muita força para editar um novo disco em breve.

NN - O título do último CD dos Triquel é bastante curioso. "Bichos Raros" em português significa espécies ou espécie em extinção. Há alguma preocupação em veicular ou em fazer passar uma mensagem de natureza social, ecologista, ou qualquer outra, com este título? O que é raro ou ser "bicho raro" (na vossa concepção), neste mundo globalizado em que vivemos?

TRIQUET (JJC) - O grupo sempre teve um compromisso com a ecologia e a justiça social através de suas canções e dos encontros em que tem participado. Neste caso concreto, o título do disco tem o segundo sentido que comentas na pergunta. Nós nos consideramos bichos raros porque fazemos fielmente o que nos agrada e o que gostamos fora do grande circuito comercial e fora de toda lógica de mercado. Todos os que começaram connosco na nossa cidade, acabaram por desaparecer. Nós, bichos raros, teimosos, seguimos como Asterix e Obelix na aldeia dos irredutíveis gauleses, bebemos a nossa poção mágica (também se chama orujo de ervas aqui em Valladolid) e saímos para tocar em cada noite com a entrega, a vontade e a ilusão da primeira noite.

NN - O Nordeste Transmontano tem uma raiz musical bastante profunda que mergulha nas influências célticas. A gaita-de-foles é um dos instrumentos mais populares na região. Conhecem a música tradicional do Nordeste Transmontano? Que pensam das características temáticas, instrumentais e melódicas que integram os repertórios musicais tradicionais desta região?

TRIQUET (JJC) - Como disse antes, somos um grupo urbano que não pesquisa muito no folclore. Por isso, quero ser honesto. Digo, envergonhado, que não conheço a música do Nordeste Transmontano. Por isso, não posso opinar mas prometo conhecê-la na visita desta sexta-feira 1 de Setembro. Têm a nossa palavra de honra.

NN- Participam pela primeira vez no Festival Internacional de Música Tradicional de Macedo de Cavaleiros. Este ano é a sétima edição. Já tinham ouvido falar neste festival?

TRIQUET (JJC) - É um Festival de que ouvimos falar faz já um par de anos, com muito bons comentários. Sabemos que se realiza desde o ano 2000 e que por ele já passaram outros grupos espanhóis como Habas Verdes ou La Bazanca. É uma grande honra para nós poder participar nele.

NN- O que é que o público português pode esperar da vossa actuação no próximo dia 1 de Setembro no anfiteatro ao ar livre da Praça das Eiras em Macedo de Cavaleiros?

TRIQUET (JJC) - Vão encontrar um repertório musical ritmado e facilmente digerível, adequado a todas as idades e públicos, sem contra indicações, corantes ou conservante e sem efeitos secundários (se não se beber demasiado álcool, porque não fazemos milagres). Vamos pedir ao público que bata palmas, que entoe com suas vozes algumas das nossas canções e que se portem bem. Vamos dar-lhes tudo o que somos. Que mais se pode pedir à vida?

Entrevista de Luis Pereira [31-08-2006]

